

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

**ASSOCIAÇÃO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES**

A MULHER PERDOADA Jo 8,1-11

STEPHEN Kawuki / HENRY Anyine

Literatura Joanina e Cartas Católicas

Prof: Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2023

RESUMO

Delito cometido- Adultera (Perícop. João 8,1-11)

Quem- Mulher sem nome

Acusadores- Homens – Fariseus- Escribas

Mediador-Jesus

Referência a lei Mosaica (Lv 20.10; Dt 22.22-24).

Armadilha- Por prova à Jesus

Sinalização:

De madrugada, Lei de Moisés, Apedrejar, Casamento, Adultério, Rabinos, Mestre, Doutores da Lei, Testar, Fariseus, Escribas, Pecado, Perdão, Mulher, Ensinar, Monte das Oliveiras, Templo, Escrever.

Situando o texto

A referência da nossa perícop. é de João 8,1-8, texto conhecido como a mulher perdoada, ou a mulher adultera. Segundo alguns estudiosos, essa perícop. não se encontra nos antigos manuscritos e papiros, os exegetas afirmam que essa narrativa provavelmente não pertencia ao evangelho de João e que foi acrescentado posteriormente.

Durante essa época, os romanos dominaram a Palestina em 63 a.C. No tempo de Jesus e um pouco depois, as revoltas e os descontentamentos com a opressão dos romanos atingiram o auge.¹ O povo estava sob a dominação dos romanos e a lei que governava, era dos romanos. Os Fariseus, e saduceus eram aliados dos romanos por diversos motivos de governança e economia após se estabelecer no exílio.

Não obstante, os judeus também sabiam que estando fora de Israel, mandamentos referentes à organização e às relações dos israelitas enquanto estado/nação (o que chamamos de leis civis hoje) já não tinham aplicação. Fora de Israel valia a lei do país em que se estava. Isso não equivalia a negar a Tora, mas a reconhecer que algumas leis só tinham aplicação em Israel. Nesta época, a pena de morte estava reservada apenas aos romanos, pelo que os colonizados não tinham o privilégio de condenar à morte. De forma caluniosa, os fariseus puseram Jesus à prova se a Lei de Moisés era mais suprema ou a lei dos romanos, provavelmente para interrogar Jesus para depois O acusar.

¹ Centro Bíblico Verbo. Permanecei no meu amor para dar frutos. Entendendo o evangelho de João. Paulus, São Paulo 2015 p.13

Estamos abordando o tema da violência contra a mulher, situando nos na época de Jesus e como tratava a mulher, compreendermos com clareza de por que tanta violência contra ela. “No templo e nas sinagogas, as mulheres ficavam separadas. No culto, as mulheres só escutavam. Não liam, nem dirigiam a palavra. Eram consideradas tão indignas, que não eram obrigadas a acompanhar as peregrinações. Não lhes era permitido estudar a Torá. Alguns escribas, fariseus e doutores da lei, preferiam queimá-la a ensinar às mulheres. Nas Escrituras dos judeus estava escrito: *"Que as palavras da Torá sejam queimadas, mas não sejam transmitidas às mulheres"*. No tempo de Jesus a mulher era muito discriminada e marginalizada.

Esse processo de marginalização é histórico, sendo reforçado ainda mais no pós-exílio. Desde Esdras e Neemias a tendência oficial é de exclusão da mulher. Muitos fatores contribuíram para isso, porém a lei da pureza é o que agravou no mais sagrado, que é o próprio corpo da mulher. Ela era declarada impura por ser mulher, mãe, esposa e filha (cf. Lv 12,1-6). Tornava-se impura dando à luz. Se desse à luz a um menino, ficava impura durante quarenta dias, porém se fosse menina, a impureza se prolongava para oitenta dias. Tornava-se impura por ser esposa, pois a relação sexual resultava em impureza de um dia (cf. Lv 12,1-6)'. Também era considerada impura pelo fato de menstruar. Como se tudo isso não bastasse, ainda consideravam impuras todas as pessoas ou objetos tocados pela mulher nos períodos de impureza (Lv 15,19-30). Uma mulher com fluxo de sangue era chamada de *"nidda"*. Essa palavra significa afastar, lançar para longe, separar. Assim, a mulher com sangramento era excluída do convívio familiar e social.”²

Albertina analisando o texto frisa que, o contexto da época, em que os fariseus e os doutores da Lei se consideravam "puros", de acordo com a Lei, e os que cometiam pecados e não seguiam a Lei "impuros", é que, por se julgarem "puros", portanto, sem pecados, os fariseus e doutores da Lei atirariam, sim, pedras nela.³

Estrutura do texto:

² MACHADO Alzira Gomes, Violência contra mulher, Uma Hermenêutica de João 7, 53-8,11 Estudos Bíblicos, Caminhos de Leitura Popular da Bíblia, (Org). Editora Vozes. Petrópolis, 2007. p 35-36

³ ALBERTIN Francisco, Explicando o Evangelho de João e as cartas João, Hebreus, Tiago, Pedro e Judas. Editora Santuario. Aparecida SP. p 60.

1. Os rabinos perguntam a Jesus o que fazer com a mulher que, segundo eles, havia sido pega em adultério (Jo 8,3-5).
2. O homem com quem ela teria adulterado não estava presente.
3. Jesus sugere que quem estivesse sem pecado poderia condená-la (Jo 8,7).
4. Todos os acusadores da mulher vão embora do “julgamento” (Jo 8,8-9).

Jesus se encontrava em Jerusalém, participando de uma das grandes festas dos judeus, a festa das tendas, com duração de uma semana (cf. Jo. 7,2.14.37; 8,2). Durante o dia, ensinava no templo, e à noite se retirava para dormir fora da cidade: “*Jesus foi para o monte das Oliveiras*” (v. 1). No dia seguinte, “*De madrugada, voltou de novo ao templo. Todo o povo se reuniu em volta dele. Sentando-se, começou a ensiná-los*” (v. 2). A madrugada significa o rompimento das trevas, a aurora de um novo dia; nos evangelhos, essa expressão é um dado teológico, mais que cronológico; é sempre um aceno à ressurreição; é o momento em que as mulheres descobrirão o sepulcro vazio, no domingo da ressurreição (cf. Lc 24,1); portanto, o episódio propõe uma cena de ressurreição, é um texto pascal: a mulher flagrada em adultério, prestes a ser apedrejada, faz uma experiência de vida nova ao ser confrontada com a misericórdia, o perdão e o amor de Jesus.

Visto que era temporada das festas, frequentavam pessoas de todas as partes da Palestina para Jerusalém; era uma oportunidade para os pregadores itinerantes apresentarem suas doutrinas e versões na interpretação da Lei; esses se espalhavam pelos vastos átrios do templo, e os peregrinos compareciam se amontoando em círculos ao redor deles, conforme a curiosidade e a eloquência de cada pregador. A pregação de Jesus era sempre desafiadora e crítica, pois ele confrontava as tradições e costumes da época. Quiçá conseguisse juntar mais ouvintes que outros pregadores, pois ele não tinha medo de desmascarar a hipocrisia dos dirigentes, principalmente as autoridades religiosas da época. Ele dizia o que muita gente queria dizer, mas não dizia por medo de repressão. Isso, obviamente, fazia também com que as autoridades lhe vissem como suspeito, aumentando a vigilância sobre ele.

Enquanto ensina, Jesus é repentinamente interrompido: “*os mestres da Lei e os fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em adultério. Colocando-a no meio deles*” (v. 3). Os sujeitos da ação são os tradicionais adversários de Jesus: mestres da Lei e fariseus, os fiéis observadores dos preceitos da Lei em seus mínimos detalhes, os mesmos que no domingo passado tinham criticado Jesus por acolher e comer com os pecadores (cf. Lc 15,2). Esses dois grupos são a síntese do fechamento e do conservadorismo na época de Jesus; pregavam um

Deus punitivo, exigente, vingativo e, por isso, se escandalizavam com o Deus amoroso de Jesus. Ao colocarem a mulher no centro, eles a expõem à máxima humilhação.

No Antigo Testamento, o adultério foi usado como sinônimo de idolatria, o principal pecado de Israel. Por isso, a lei era tão rigorosa com esse pecado. Na época de Jesus o adultério estava entre os piores pecados, comparável ao assassinato. Como os casamentos eram verdadeiros negócios, decididos pelos pais, às vezes os noivos só se conheciam no dia do próprio casamento, isso tornava o adultério uma prática bastante comum, embora perigosa, pois as relações não eram motivadas pelo amor, mas pelos interesses econômicos das famílias; por isso, havia muita vigilância, principalmente, sobre as mulheres.

Como representantes de uma religião severa e excludente, os mestres da Lei e os fariseus expõem somente a mulher. Eles tinham clareza do que a Lei prescrevia, mas pedem uma pena parcial, expondo e ridicularizando a mulher, e silenciando sobre o homem que, certamente, fora flagrado junto. Aqui, essa mulher é imagem de todas categorias de marginalizados e marginalizadas, por quem Jesus toma partido.

Os Fariseus e os mestres da Lei conheciam a sentença prevista: *“Disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. Moisés, na Lei, mandou apedrejar tais mulheres. Que dizes tu?”* (vv. 4-5). De acordo com a lei, o apedrejamento era a pena para o adultério quando o casamento ainda estava na primeira fase, a da promessa; porém, essa pena era prevista também para o homem envolvido na relação (cf. Dt 22,23-24). Como diz o próprio texto, o que eles queriam era colocar Jesus em situação embaraçante, pondo-o à prova (cf. v. 6a): se Jesus confirmasse o apedrejamento, estaria negando o seu lado misericordioso e contradizendo a sua pregação até então; se negasse o apedrejamento, estaria transgredindo a Lei de Moisés.

Conhecendo das intenções dos seus adversários, Jesus simplesmente os ignora, com a sua típica ironia: *“Mas Jesus, inclinando-se, começou a escrever com o dedo no chão”* (v. 6). Sobre esse gesto inusitado, foram levantadas diversas hipóteses sobre o que Jesus escreveu no chão, algumas até folclóricas. São Jerônimo, por exemplo, acreditava que Jesus escreveu os pecados dos acusadores que estavam com pedras na mão, para deixá-los envergonhados e constrangidos. Ora, se estavam no interior do templo, o piso ali não era de barro ou areia, mas de pedras; logo, não tinha como escrever nada ali.

Portanto, qualquer hipótese sobre o conteúdo que Jesus escreveu nessa cena, carece de fundamento e de sentido. O gesto de Jesus é, além de irônico, denunciador. Ele olha para o chão por indiferença aos seus acusadores, enquanto pensa na atitude e na resposta adequada que dará.

Não escreve nada, apenas simula uma escritura em pedra denunciando a rigidez da Lei por eles observada: uma lei escrita em tábuas de pedra, inflexível e dura como eram os corações deles.

Com a sua ironia e indiferença, Jesus deixava seus interlocutores impacientes: *“Como persistiam em interrogá-lo, Jesus ergueu-se e disse: ‘Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra’* (v. 7). Ao levantar-se para responder, Jesus dá um tom de solenidade à situação e, finalmente, chama para si a responsabilidade. Tendo pensado por um tempo, sua resposta é surpreendente: não toma posição sobre o caso, propriamente, não discute o pecado da mulher, mas convida cada um a olhar para si próprio, apelando para o tribunal da consciência: *“Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra”*. Com essa proposta, Jesus desmascara e desarma os acusadores da mulher, e os falsos moralistas de todos os tempos. É uma resposta que não necessita de contra resposta nem de novas perguntas, mas apenas da coragem de cada um olhar para si, para sua consciência. Certamente, deixou a todos em silêncio e pensativos, admirados e sem reação. Por isso, Jesus repete a ironia *“E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão”* (v. 8). Na primeira vez, simulou a escritura no chão enquanto ele mesmo pensava na sua resposta; dessa vez, faz a simulação enquanto aguarda uma atitude ou resposta dos acusadores.

Envergonhados, certamente, *“eles, ouvindo o que Jesus falou, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos; e Jesus ficou sozinho, com a mulher que estava lá, no meio do povo”* (v. 9). É interessante perceber a reviravolta na história: o objetivo dos mestres da Lei e fariseus era colocar Jesus em situação constrangedora, “num beco sem saída”; as coisas se inverteram e foram eles que ficaram embaraçados, em situação desconfortável. É provável que tenham saído ainda mais furiosos com Jesus, mas também a eles foi dirigido um convite à conversão. Jesus não os condenou; esse detalhe é importante que seja bem recordado. Jesus deu aos seus ferrenhos adversários uma oportunidade de conversão, convidou-os a um exame sincero de consciência. Não sabemos se houve conversão da parte deles, mas é possível identificar pelo menos dois sinais importantes: a vida da mulher foi poupada, e cada um reconheceu ser pecador, uma vez que nenhum atirou a pedra.

Percebendo que todos os acusadores saíram, em silêncio, no meio do povo que escutava seu ensinamento antes da interrupção, *“Jesus se levantou e disse: ‘Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?’*. Ela respondeu: *Ninguém, Senhor. Então Jesus lhe disse: “Eu também não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais”* (vv. 10-11). É a primeira vez que a mulher acusada tem oportunidade de falar, e é Jesus quem lhe dá essa oportunidade. Essa voz da mulher é a sua própria vida recuperada. Jesus sabia que ninguém a tinha condenado; faz a pergunta apenas para torná-la protagonista. Todo ser humano tem direito e liberdade de

expressão. Toda voz deve ser ouvida. Diante da fúria dos acusadores, essa mulher sentiu-se morta, com suas horas contadas. Diante de Jesus, ela se sente uma pessoa digna, pois sabe que tem quem lhe escute.

Atualização

No mundo contemporâneo vimos que as mulheres sofrem a uma grande escala injustiças tanto na família quanto nos trabalhos. São as vidas mercadas pela sofrência, dor, sempre pedindo socorro. Apenas pela graça, visto que o pecado separou o homem de Deus, é que se torna possível o diálogo de Deus com o homem. Assim como em tantos outros eventos, a começar pelo Éden, aqui, mais uma vez, o Senhor toma a graciosa iniciativa de conversar com o ser humano, sendo Ele quem é, e nós quem somos: *“Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor!”* (v.10, 11a)

Essa mulher representa todos nós, somos pecadores em busca de graça de Deus. *“Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? A religião deve favorecer a convivência justa e respeitosa entre os seres humanos. Ninguém tem o poder de julgar e condenar. A religião corre o risco e endurecer-se, colocando a lei e a norma acima do perdão, quando transforma as pessoas em objetos para afirmação do seu poder.”*⁴ *“A sociedade capitalista violenta os pobres e, em especial a mulher, que sofre violência por ser mulher e por ser pobre, se for negra, será triplamente violentada.”*⁵ O nosso chamado hoje é que nenhum ser humano tem o direito de submeter outro ser humano. Portanto, todo comportamento que vise satisfação própria em detrimento da outra pessoa é considerado violência.

Conclusão

O contexto histórico e literário de João 7,53 – 8,1-11 aponta para a infiltração central de Jesus em um mundo hostil que está buscando sua vida. Seu forte apelo para que as almas o aceitem como seu Salvador pessoal, com a afirmação de que Ele é o Filho de Deus, é o tema comum ao Evangelho de João. É esta afirmação que é a mais controversa para os Escribas, Fariseus e Judeus que procuram matá-lo. Isso leva o leitor a ver a perícopes como uma cena condensada transmitindo a mesma mensagem de convite de João 3,16. A perícopes ilustra uma cena rica em simbolismo do próprio julgamento, crucificação e ressurreição de Jesus. A mulher

⁴ Nova Bíblia Pastoral, Edição especial. 2019 Paulus.

⁵ MACHADO Alzira Gomes,. Violência contra mulher, Uma Hermenêutica de João 7, 53-8,11 Estudos Bíblicos Caminhos de Leitura Popular da Bíblia, (Org). Editora Vozes.Petrópolis, 2007. p 33

adúltera é qualquer um que crerá em Jesus como Salvador em seu próprio caso legal. É uma passagem séria para todos os que podem perceber sua magnificência numa cena dramática, e com pouquíssimas palavras, o leitor vê tanto a Lei quanto os Profetas maravilhosamente cumpridos.

REFERENCIAS

CLAUDIO Vianney Malzoni, **Evangelho segundo João**, Comentário Bíblico Paulinas. Paulinas São Paulo 2018

Centro Bíblico Verbo, **Permaneça no meu amor para dar muitos frutos, (15,8-9) Entendendo o Evangelho de João**. Paulus. São Paulo 2015

BÍBLIA. **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2019.

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus, João**, Editora Vozes, 3ª Impressão. 2018.

Org. Estudos Bíblicos. NO.96 **Caminhos de Leitura popular da Bíblia**. Editora Vozes, Petrópolis. 2007